

Intervenção do Governador na abertura do seminário ATTF

Senhor Administrador

Senhor Pierre Bultez

Senhores Representantes das Instituições Financeiras

Senhoras e Senhores Participantes

É com algum entusiasmo que procedo à abertura deste seminário destinado a sensibilizar os intervenientes sobre a problemática do seguro vida no nosso país.

Esta acção de sensibilização vem na sequência de outras já realizadas pelo Banco de Cabo Verde no âmbito da sua política de formação e informação dos intervenientes no sector financeiro, visando a criação de um ambiente propício para o desenvolvimento do sistema financeiro.

Este seminário é organizado em parceria com a Agência de Transferência de Tecnologia Financeira (ATTF), no quadro da cooperação existente entre a República de Cabo Verde e Luxemburgo.

Essa parceria, iniciada em 2001, já permitiu a participação de mais de duas centenas de quadros cabo-verdianos provenientes de diversos quadrantes, mas com predominância para a área bancária e financeira, em doze cursos e seminários de curta e média duração, nos quais foram tratados diversos temas, com especial destaque para os versando sobre a gestão da banca, as técnicas e práticas bancárias, a prevenção do branqueamento de capitais, as micro-finanças e a formação de formadores.

A escolha, desta vez, de um tema sobre o sector segurador é o reconhecimento da importância deste sector na economia do país, e, simultaneamente, espelha a preocupação do BCV com a necessidade de se investir na dinamização e no crescimento deste sector, podendo o ramo vida servir como um impulsionador importante.

O seguro de vida é uma prática antiga - a história situa as primeiras práticas de compensação em espécie e em dinheiro, que estão na origem do seguro - vida, no 2º século A.C. na Babilónia e ,algumas décadas depois, na Grécia e em Roma - e está presente em toda parte no mundo. Encontra-se nas economias as mais avançadas bem como nas economias em desenvolvimento.

Regra geral, parece existir uma correlação entre o nível de desenvolvimento económico de um país e o nível do seguro vida nesse país. Com efeito, enquanto nos países em desenvolvimento a actividade seguradora concentra-se principalmente nos ramos não vida, os prémios cobrados pelas companhias seguradoras no ramo do seguro vida representam nos países da OCDE cerca dos 2/3 do total dos prémios de seguro.

Importa referir a relevância económica e social do seguro vida. Do ponto de vista individual, o

seguro vida oferece várias vantagens. O seguro, em caso de morte, garante à família o pagamento de uma determinada soma no momento da morte do subscritor. Representa, assim, um meio de protecção contra as consequências financeiras de uma morte prematura. Em caso de vida, o seguro é também um meio de poupança para o indivíduo. Os produtos do seguro vida e em particular as rendas são um meio seguro de preparar financeiramente a reforma. Ademais, o seguro vida permite aos mutuários, particulares e empresas, contrair empréstimos em condições mais favoráveis e reduz o risco de incumprimento.

Na óptica da sociedade, as companhias de seguro que operam no ramo vida, como intermediários financeiros, ajudam a mobilizar a poupança para suportar o investimento com recursos de longo prazo, favorecendo a aceleração do crescimento económico.

Por outro lado, a subscrição individual de seguros alivia as pressões sobre os regimes de protecção social, reduzindo assim o imposto necessário à manutenção destes regimes.

Estas vantagens explicam que a maioria dos países da OCDE tenha consentido vantagens fiscais especiais para a subscrição, a manutenção ou a execução de apólices de seguro vida, com vista a favorecer uma reorientação da poupança em benefício do seguro vida.

Em Cabo Verde, o ramo vida tem tido até à presente data uma fraca expressão, representando os prémios deste ramo, em termos médios, pouco mais de 1% do total dos prémios cobrados pelas seguradoras.

Como condicionando esta situação são apontadas várias razões, destacando-se a concorrência de outros sistemas de protecção individual e social; a inexistência de incentivos fiscais; o baixo nível dos rendimentos da maioria dos cabo-verdianos que dificulta o acesso a um sistema complementar de segurança social, o fraco desenvolvimento da cultura seguradora, e quiçá o fraco envolvimento das seguradoras neste ramo de negócio que não parecem dominar suficientemente.

Não obstante esses constrangimentos, pensamos que o ramo vida encerra uma promessa e que existem significativas potencialidades para o seu desenvolvimento. Desde logo, as resultantes da conjugação da futura reforma do regime de pensões com a emergência de camadas sociais com um nível relativamente elevado de rendimentos. Mas também o crédito à habitação pode constituir, pela sua dimensão e dinâmica, um terreno fértil para o desenvolvimento do seguro vida.

Por isso, faço votos que esta acção de sensibilização à problemática dos seguros de vida sirva para impulsionar a criação de condições, tanto a nível da infra-estrutura legal e dos incentivos, como a nível da gestão e do marketing, para o desenvolvimento de negócios no ramo vida em Cabo Verde.